

JOÃO CÉU E SILVA

UMA LONGA VIAGEM COM
JOSÉ SARAMAGO

O Ensaio sobre a Cegueira nasce numa altura em que teve problemas de visão?

Não teve a ver com isso! Era preciso um caminho muito complicado para ir de uma catarata a isso... Temos uma catarata, assume-se que temos de ser operados, mas essa situação não tem de levar forçosamente à criação de um romance. O que aconteceu foi que eu estava a almoçar na Varina da Madragoa, estava sozinho enquanto esperava pelo que tinha pedido ao empregado e fiquei sentado à mesa pensando em coisas e em coisa nenhuma. Quer dizer, coisas que passam pela cabeça, que se vão embora, que voltam ou não voltam... O que eu sei é que sem saber exactamente de onde é que aquilo me veio, fiz uma pergunta: «E se nós fossemos todos cegos?» Depois, levei três ou quatro segundos a pensar no que tinha dito e respondi a mim mesmo «Mas nós somos todos cegos!» E é desta reflexão muito simples que nasce o livro. Você conhece o livro... Esperaria algo mais importante ou mais sólido? Mas foi simplesmente esta pergunta «E se nós fossemos todos cegos?» e a resposta lógica é a de que efectivamente somos todos cegos!

Mas nem todos somos capazes de ser cegos!

Há muitas formas de cegueira. Estamos a falar de cegueiras metafóricas e não de cegueiras reais. Uma forma de cegueira é não querer compreender, é levantar uma barreira para que as coisas de fora não nos venham agredir e há uma infinidade de formas de se ser cego. Vamos imaginar que uma pessoa não é cega... e quando diz que não se quer chatear até parece alguém que está consciente do estado do mundo e, simplesmente, não quer que o mundo o aborreça. Essa pessoa não se dá conta que essa é a sua cegueira.

No romance, a sociedade dos cegos é quase tão violenta como o mundo das pessoas que vêem?

Não vamos agora imaginar que se todos fossemos cegos seríamos muito bons³¹. Não é por acaso que os que vêem adoptaram o diminutivo «ceguinho».

³¹ A crítica à tradução inglesa do *Ensaio Sobre a Cegueira*, no jornal *The Guardian* (15/04/2006), foi de autoria da escritora Ursula K. Le Guin que escreveu o seguinte: «Há alguns anos um amigo de confiança disse-me para ler *Blindness* de José Saramago. Confrontada com páginas de frases inteiras, diálogos sem pontuação, logo o larguei, resmungando contra essas afectações literárias. Mais tarde voltei ao livro, fui mais longe e larguei-o de novo porque estava assustada. *Blindness* é um livro assustador. Antes de deixar que um escritor com um tal poder me deixasse horrorizada ele teria de ganhar a minha confiança. Assim, retrocedi para os romances anteriores e fiz um curso intensivo de Saramago. (...) José Saramago fará 84 anos este ano. Escreveu um romance que diz mais sobre os tempos que vivemos do que qualquer outro livro que eu tenha lido. Ele escreve com garra, com uma dignidade pungente e com a simplicidade

Nenhum cego é ceguinho e como pessoa é o que é e nem a cegueira o salva de ser um filho da puta se efectivamente já o era! Nem pelo facto de ser cego se converte numa bondade ou num revolucionário desejável; no fundo vai continuar a ser o que era. Evidentemente que agora a oftalmologia faz autênticos milagres e ao nível de cirurgia então... é uma coisa extraordinária e já se salvaram milhares e milhares de pessoas que estavam condenadas à cegueira total com implantes e enxertos.

Situação que não acontece na vida política!

Não, o que é que havíamos de fazer? Enxertos e implantes nos políticos?

Quando há pouco estava a falar do mundo e dos grupos e poderes económicos, percebeu-se que a sua posição é muito crítica em relação ao momento que estamos a viver no mundo. Até no que respeita à esquerda?

É sim. Porque nós estamos a viver num processo de engano consciente que se tornou de tal forma uma espécie de ar envenenado que respiramos sem perceber, sem nos darmos conta e nem nos apercebemos do porquê. Ou se formam anticorpos necessários para tudo isto ou... A direita para governar não precisa de ideias, só precisa de autoridade e se puder confirmar essa autoridade com uns resultados eleitorais democráticos, uns votos que lhes sejam favoráveis, então fica encantada. Mas de ideias não precisa! Já a esquerda não pode viver sem ideias. Aristóteles já dizia no seu *Tratado Político* que num governo democrático os pobres deviam ser maioria, porque o são na sociedade. Não é que os ricos não devessem estar representados no governo da Polis, mas, dizia ele, teria de ser em proporção. Então, se isto tivesse sido feito ou se tivesse sido possível fazer – foi uma loucura de um filósofo – teríamos num governo de vinte membros logicamente dezassete pobres e três ricos. E essa continua a ser a realidade porque os pobres são a maioria! A esquerda e a direita são conceitos ou topografias que nos vêm da Revolução Francesa – chamou-se assim porque eles se sentaram naqueles lugares, à esquerda ou à direita – sem que houvesse a ideia de uma espécie de auto-definição ideológica. Mas a esquerda necessita de ideias, de as ter e de as discutir constantemente, claro que um salto adiante importantíssimo foi a obra do Marx e também do Engels e de mais alguns,

de um grande artista com total controlo sobre a sua arte. Ouçamos um verdadeiro ancião do nosso povo, um homem de lágrimas, um homem de sabedoria».

por exemplo, o Feurbach e outros que não vinham do marxismo³² mas do racionalismo, com um espírito crítico que abriu de alguma maneira caminho para aquilo que mais ou menos se passou com o pensamento de esquerda. O pior é que, no caso do Marx, entrou-se numa ruminação de textos e de tentativas de utilizá-los como alavancas, porque a esquerda pensou – agora acho que já não o faz – que podia ganhar as guerras de hoje com as armas de ontem e isso já se sabe que não é possível. O que levou a um descrédito público do marxismo, a uma ideia de que aquilo estava tudo errado até agora, momento em que se está a assistir a uma reflexão sobre essa opinião e eu creio que Marx ainda terá muita coisa para dizer e para ensinar. Com a decadência e a queda da União Soviética e sobretudo essa espécie de paralisia mental que atacou a esquerda, que passou a repetir mecanismos mais ou menos gastos para se aproximar e tomar o poder – e, nos casos em que foi possível, para se manter lá – e que teve de levar, na maior parte dos casos, a compromissos que naquela altura até podiam parecer muito inteligentes como foi o caso na Itália – dessa espécie de aliança tácita que não era bem uma aliança mas um entendimento entre a Democracia Cristã e o Partido Comunista – em que a Democracia Cristã foi muito mais esperta e utilizou o Partido Comunista para de alguma maneira manter a paz social. E isso acabou com o deterioramento de ideias que eram novas e activas, empenhadas na transformação social e na resolução dos problemas sociais dos trabalhadores, nesses partidos socialistas e comunistas que se foram aburguesando. Mas qual é o mal em dizer que se foram aburguesando? O que é aburguesar-se? É não ter tido um automóvel e agora já ter? É não ter tido um frigorífico e agora já ter? Ganhar algo mais para luzir um pouco na vida? Não é nenhum pecado e todos o desejamos e ficamos muito contentes se o conseguimos, mas o pior foi que os partidos da esquerda descobriram de repente a pólvora, descobriram que deveriam aproximar-se do centro porque como esquerda não tinham qualquer possibilidade de chegar ao poder, e se se aproximassem do centro e se se passassem a chamar centro-esquerda ou centro-direita a coisa era mais fácil. E foi mais fácil. Porém o que aconteceu é que ao fazê-lo podem ter obtido resultados na praxis política mas perderam a alma. Quando eu digo, e disse-o na entrevista que

³² A investigadora brasileira Conceição dos Santos Rosemary, da Universidade de S. Paulo (Brasil) escreve em *O Mundo Literário de José Saramago* o seguinte: «O projecto literário de Saramago parece consistir em fornecer uma visão do passado sob uma nova perspectiva, iluminada por um realismo crítico e social, que se fundamenta na ideologia marxista. Este processo de dessacralização do passado torna-se literário pela utilização de recursos expressivos como a ironia e a paródia, que, associados a elementos míticos e oníricos, conferem à obra uma dimensão artística que ultrapassa os limites da História e da ideologia. Fundamentalmente, a ironia dá ao romance a possibilidade de questionar o passado, enfim, a História real. (...) Ler o *Memorial*, as digressões do autor e as inquietações das suas personagens é, muitas vezes, ler os dias actuais e as nossas inquietações».

sairá amanhã (23/06/2007) no jornal italiano *La Repubblica*, que o comunismo é um estado de espírito, esta pode parecer uma frase um pouco oca mas não o é. Eu acho que não, é realmente um estado de espírito ser-se comunista. Não é o comunismo que é um estado de espírito, ser-se comunista é que é um estado de espírito e não creio que o Brejnev tivesse esse estado de espírito – o poder era o poder. Também na China, onde tantos comunistas houve. Leia-se o Malraux em *A Condição Humana* e como ele descreve o que foi aquilo e depois perguntemo-nos se o estado de espírito estará ainda hoje presente nos dirigentes políticos e económicos da China, onde se exerce o capitalismo mais selvagem que poderá existir? Se isso acontece, é ou não verdade que para não acontecer é necessário um estado de espírito? Só com um estado de espírito determinado é que isto não sucede. Pelo menos, eu creio que não.

Acha que a esquerda perdeu mesmo esse estado de espírito?

Não tem ideias, homem... Que raio de ideias tem a esquerda? Quer dizer, economicamente... Pelo menos, de momento, nada pode fazer porque o neoliberalismo económico está instalado para durar não sei quantos anos e só se altera se houver alguma crise mundial que volte a pôr todas as coisas em causa. Pode adaptar-se, tornar-se um pouco mais social, porque também precisa de consumidores e não vai condenar sete mil milhões de pessoas à miséria, porque se as condenar todas à miséria não lhes pode vender nada. O que há é uma falta total de discussão de ideias! Vou dar um exemplo do mais simples que você conhece – mas também tudo o que eu disse aqui você já conhece – mas eu tenho de dizê-lo nestas circunstâncias. Nós vivemos num mundo, pelo menos na parte a que chamamos de democrática, em que tudo é possível. Tudo tem discussão possível, pode discutir-se tudo e neste momento ao redor do mundo há congressos, mesas redondas, simpósios e não sei que mais em que se debate tudo o que é científico mais isto e aquilo. Estranhamente, há uma coisa que não se discute, que é precisamente a democracia. Considera-se a democracia uma espécie de paradigma, que está aí e acabou-se. E vamos seguindo com um regime absolutamente hipócrita, a chamar democracia a uma situação em que os cidadãos não têm outro papel senão o de votar. Nenhum outro papel mais; e votam tirando um governo para pôr outro no seu lugar, que pode parecer diferente mas vai dar na mesma. Além disso, os poderes que governam realmente o mundo não são democráticos, o Fundo Monetário Internacional não se submete ao voto das nações – está ali e ordena –, a Organização Mundial do Comércio idem, o Banco Mundial a mesma coisa e uns quantos mais organismos, dos quais dependemos e que fazem do mesmo modo. Por isso, quando eu digo que

os governos nestes países se tornaram comissários políticos do poder económico, esse senhores não gostam. Eu uso a expressão comissário político e sei bem o que estou a dizer, refiro-me a isso mesmo, ao comissário político que vem dar ordens e vem dizer como é que tem de ser pensado e interpretado.

Tanto faz que seja um governo de esquerda ou de direita?

A direita não necessita porque já lá estavam partidários de direita, não há gente da esquerda numa multinacional e se existem estão camuflados e não abrem a boca. A direita já lá está e pode dar-se ao luxo de não ter ideias porque, é como lhe dizia antes, não precisa de ideias para governar, só precisa de autoridade e pode chegar a ela com um golpe de Estado. Aí está o senhor Pinochet (o ex-governante morreu poucas semanas depois) para servir de exemplo, ou então por via eleitoral, o Péron por exemplo, com o seu populismo. Mesmo que beneficiassem materialmente as pessoas estavam a manipulá-las naquilo que lhes era mais caro e mais importante, as ideias.

Mas, ultimamente, quando critica a esquerda usa as palavras «está estúpida»...

É que nós antigamente dizíamos que a direita era estúpida e eu achei que era necessário dizer que mais estúpido do que a esquerda não vejo nada. Porque quando se apresentam numa eleições o que é que vemos? Que a direita está mais ou menos coligada, às eleições apresentam-se dois ou três partidos como aconteceu em França com o Le Pen – depois logo se veria o que é que iria acontecer –, que pregou um susto enorme quando teve aqueles quinze por cento, porque há sempre um poder aritmeticamente considerado de direita que pode unir-se. Do outro lado estava a esquerda, fragmentada nas últimas eleições quando havia três candidaturas e uma candidatura do Partido Comunista e a esquerda, que antigamente se podia dizer que começava no Partido Socialista e deixou de contar com esse partido. Os partidos socialistas, por aquilo que eu conheço, estão em todo o mundo à direita, da mesma maneira que o Partido Social Democrata – que não tem nada de social-democrata, porque é um partido de direita –, e aqui (em Portugal) essa febre, ou essa praga ou essa lepra já contaminou o Partido Socialista.

Preocupa-o a situação em Portugal?

Eu vejo-a desta maneira. Eu pedia muito humildemente ao José Sócrates que me explicasse o que é que há de socialismo nos seus planos. Quer no plano

político, quer no plano económico, quer no plano do desenvolvimento. Que me explicasse onde está o socialismo. Se um governo do PSD também teria vendido tudo o que houvesse para equilibrar o orçamento! Agora está-se a privatizar – nem é bem privatizar porque já não há praticamente nada para privatizar – e a cortar nas despesas. Maternidades, para que é que as queremos? Vamos a Badajoz. Escolas que fecham... Eu tenho uma crónica escrita naqueles antigos anos do diário *A Capital*, em 1968 ou 1969, na qual o narrador conta que tinha tido um sonho, que tinha vivido em Marte, não muito tempo – mas o tempo em Marte é de outra maneira – e que havia coisas que ele não conseguia compreender na sociedade marciana³³. E uma coisa que estava lá escrito era o eu não compreender como havia uma escola num sítio qualquer que tinha dois ou três alunos e que tinha sete ou oito professores, cada um com a sua matéria para ensinar aquelas crianças. É uma fábula que não tem grande importância, mas agora, em Portugal, encerra-se uma escola com uma serenidade tremenda e não satisfeitos diz-se logo «vão fechar mil e não sei quantas escolas», enquanto no século XIX se afirmava que a abertura de uma escola significava o encerramento de uma prisão. Aquela gente era realmente tonta e irrealista – o irrealismo significa tonto – porque julgavam que era certo o que faziam, mas o futuro até aos dias de hoje veio dizer que uma coisa não tem nada a ver com outra. E que até a delinquência pode entrar na escola. Sabemos que entra e não só cá, aqui nós somos os últimos a entrar nessa fila porque outros já lá estavam e muitíssimo adiantados. E isso leva a algo em que toquei há pouco, que é o problema da educação e da instrução. Aqui há uns anos convidaram-me para falar numa conferência inaugural de um congresso de professores em S. Paulo. Deslocaram-se a esse congresso, muitos deles dos confins do Brasil, depois de viajar durante dias e dias para chegar a S. Paulo, quinze mil professores, que se reuniram posteriormente em grupos de trabalho mas que no discurso inaugural, se não estavam lá todos – também não caberiam –, estariam pelo menos dez mil pessoas. E aí ocorreu-me – como não gosto de levar papéis escritos porque há sempre uma grande diferença e distância entre o momento em que se escreve em casa e o momento em que se vai ter de dizer aquilo, e à hora de comunicar a leitura do papel vê-se que não é a melhor forma – uma coisa que me pareceu óbvia

³³ O gosto pela ficção científica em José Saramago foi destacado por Horácio Costa quando escreve: «Quanto à veia de ficção científica ou futurante (...) deve-se, provavelmente, ao facto de ter-se o escritor sentido estimulado pela grande emoção colectiva advinda da transmissão ao vivo da alunagem em 1969 e das constantes expedições espaciais soviético-americanas, que coincidiram com o período, sem dúvida de grandes consequências históricas para a humanidade, em que as crónicas foram escritas (...). Em 'Cada vez mais sós', em que a referência ao mestre da ficção científica Ray Bradbury vem explícita, podemos observar como a veia científica-futurante se associa, em Saramago, a um certo pendor apocalíptico».

– nem sei como é que não tinha pensado nisto antes e ainda me pergunto como é que não pensei isto desde sempre, como é que as pessoas não pensaram nisto desde sempre? – que é no tempo antigo termos o chamado Ministério da Instrução Pública – naquela altura não passava pela cabeça de ninguém chamar-lhe Ministério da Educação. Depois, o regime passou a chamar-lhe Ministério da Educação Nacional e aí a coisa torceu-se em toda a parte porque a questão, pelo menos tal como eu a entendo, é bastante simples e reduz-se a duas perguntas: pode a escola educar? Ou deve a escola fazer o que lhe compete, que é instruir? Este problema parece um capricho de sofista, de separar a educação da instrução, até pode parecer que estou a brincar com as palavras mas não, porque se pensarmos que noutros tempos de uma família de analfabetos podiam sair crianças educadas por esses pais, avós e tios que não conseguiam passar conhecimentos mas podiam transmitir, inconscientemente até, valores de convivência, de trabalho, de respeito e valores de identidade pessoal. Tudo isto de maneira confusa porque eram analfabetos, nunca tinham podido sentar-se a pensar nisto nos termos em que eu estou a colocar, mas na prática isso funcionava e a criança acabava por, com apenas um puxão de orelhas de vez em quando, sair educada. Actualmente, o que aconteceu foi que a partir de certa altura e, principalmente, nos tempos mais recentes, com a crise da família – com o desaparecimento da autoridade não imposta mas reconhecida – isso acabou. Espera-se que a escola eduque e a escola não o pode fazer porque não sabe e, mesmo sabendo, não tem os meios que seriam necessários. A educação é outra coisa! Fazia parte das obrigações da família, digamos assim, e de alguma forma também de uma sociedade educada que necessariamente produziria mais ou menos cidadãos educados. Agora, vivemos numa sociedade deseducada, vivemos num processo de deseducação integral – podemos falar noutras circunstâncias de um processo de educação integral – e não somos os únicos, pois o mundo está todo assim. Chega ao extremo, e isso deixa-me confuso, de os professores estarem sujeitos à agressão. Onde é que já se viu que o mestre, aquele que transmite, que abre as portas para o mundo e para o conhecimento das coisas, seja tratado como é hoje em dia em toda a parte. Agressões, desprezo e pontapés e essa pobre gente – refiro-me à grande maioria dos professores – são realmente os heróis do nosso tempo. Eles podiam bater com a porta e dizer «não volto mais!» e pergunto-me «porque é que não o fazem?» Porque precisam de viver e de ganhar o seu ordenado, mas era o que deviam fazer. Não é uma greve de um dia, é fechar a porta das escolas, sair e não voltar até que o assunto se resolva. Ainda no outro dia eu disse a propósito do Plano Nacional de Leitura que era necessário pôr as

crianças a ler em voz alta, era necessário reformar o sentido da leitura, era necessário ter professores³⁴ que amassem a literatura para poderem transmitir esse gosto aos alunos e era necessário um conjunto de coisas que eu não via acontecer. A ministra da Educação ficou chocadíssima, a ministra da Cultura acompanhou o pasmo, mas eu não tenho de explicar o que tinha dito porque se não entendem a culpa é daqueles que podendo entender não o querem. Não sei se o Plano Nacional de Leitura gerou progressos mas a grande questão é esta: a família não educa porque não tem força, há crise de autoridade maternal e paternal, os miúdos querem ser independentes cada vez mais novos, querem uma independência relativizada pelo facto de que têm de ser sustentados e a família existe para os sustentar e não querem saber de pai nem mãe. Estamos a falar de algo mais do que uma tendência, de uma realidade onde a desobediência e a falta de respeito também são uma forma de desprezo. Se a mãe ou o pai dizem «não faças isto ou aquilo» e o filho continua na sua, é uma manifestação de desprezo, porque aquilo que resulta da experiência ou do conhecimento que tenham o pai ou a mãe não significa nada. Este processo de desprezar o outro, que tem uma infinidade de manifestações, está a acontecer exactamente no interior das famílias e tem a ver exactamente com uma espécie de não aceitação de uma autoridade que é legítima. O mestre tinha uma autoridade, entrava na aula e a malta calava-se, ouvia, escutava, fazia o seu trabalho e depois ia-se embora.

Se tivesse tido um filho deste casamento acha que teria os mesmos problemas que os outros pais?

Não vamos tirar nenhuns ensinamentos do meu casamento com a Pilar...

Mas nunca pensou em ter um filho?

Nós pensámos em ter um filho. Estamos juntos há vinte e um anos e ao princípio pensámos nisso, mas depois estávamos bem e continuamos bem até hoje. Talvez por esta razão egoísta fomos adiando, nunca houve uma situação em que Pilar se encontrasse grávida e, depois, a uma certa altura a razão já era outra. É que educar um filho hoje, tentar educá-lo e depois sair-nos um

³⁴ Em entrevista à revista *Visão* (16/01/2003), por ocasião do lançamento de *O Homem Duplicado*, José Saramago responde a José Carlos de Vasconcelos sobre se era um professor ou um historiador frustrado: «de facto, levo dentro de mim diversas frustrações. Uma delas é essa. No fundo, gostaria de ser professor. Tenho uma espécie de preocupação pedagógica, até excessiva. Creio que isso é consequência da minha relação com o narrador. Continuo a pensar que o narrador não existe, quem existe é o autor, que tem uma história na cabeça e quer passar ao papel. E como isto para mim é quase uma regra de ouro, estou presente, admito que às vezes até de mais, no que escrevo. Não para falar de mim, mas para dar as minhas opiniões, as minhas *sentenças*».

problema era um risco. De qualquer modo, a Pilar tem um filho com trinta anos, que é uma jóia de rapaz, um caso raríssimo, e ela preocupou-se muito quando ele demorou uns anos a decidir o que queria fazer na vida – zangaram-se bastante – mas eu dizia-lhe «ele encontrará o seu caminho» e assim foi. Eu dizia-lhe: «Levanta as mãos ao céu, tens um filho que não se droga, não bebe, não fuma e não mente. Não peças mais. Falta-lhe uma coisa realmente, que se oriente para isto ou para aquilo, mas deixa-o». O que aconteceu connosco poderia ter sido exactamente o contrário e agora, sim, encarando as coisas de um ponto de vista francamente egoísta, imagine que eu tinha um filho com vinte anos que me causava os maiores desgostos. Não vale a pena, alguém tem de os fazer, mas eu com 84 anos já não posso fazê-los.

O escritor Urbano Tavares Rodrigues teve um filho recentemente, quase com a mesma idade que a sua...

Ele assume a responsabilidade³⁵. Mas há uma coisa que eu queria que você tomasse nota aí, e regressemos à questão de voltar para trás na História. Se nós andarmos a partir da situação actual deste aspecto particular da vida, da educação e tudo o mais, vamos caminhando e vendo que antes não era tanto, depois antes não era nada, até chegarmos ao Maio de 68. Eu não quero dizer que o Maio de 68 tenha a culpa de todos os males que neste particular estamos a sofrer, mas, no fundo, uma palavra de ordem – para dizer assim – que era comum e foi enaltecida como algo transcendente para a sua realização era essa frase que dizia «É proibido proibir». Pois, chegámos exactamente à situação em que isso está instalado na cabeça dos jovens, é proibido proibir, mesmo que eles não tenham lido nada sobre o Maio de 68. Só que não é proibido proibir! Em nome de quê é que se diz que é proibido proibir? De um ideal de sociedade tipo anarquista, libertário? Em que todas as vontades individuais se reuniam harmoniosamente no mesmo projecto... É isso? Sabemos que não é. Se é proibido proibir eu embebedo-me, eu drogo-me, dou um pontapé no rabo do professor e não acontece nada. Porque se o professor me castigar até pode acontecer que o meu pai vá pedir contas à escola e então têm de repreender o professor porque me deu um puxão de orelhas ou porque me castigou. O que é isto?

³⁵ No prefácio que escreveu para o conto *A Samarra* de Urbano Tavares Rodrigues (Estúdios Cor, 1964), José Saramago define-o assim: «é um escritor da 'metade escura' do espectro solar. Dispõe e combina as terras-queimadas, os azuis profundos, as sombras retintas ou baças – e compõe um quadro que nem sempre impressiona os olhos pela agudeza do colorido, os atrai pelo calor dos tons. (...) O mundo é rico, é vário, e o autor tem pressa de o percorrer todo».